
INTRODUÇÃO

Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo

O protagonista do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, do escritor Lima Barreto, superou o espaço da ficção para figurar na tradição literária e cultural. «Policarpo Quaresma» pela sua tenacidade em «seguir um sonho, uma idéia, um vôo enfim para as altas regiões do espírito» torna-se parceiro, com quem dialogamos, capaz de revelar os dilemas e esquisitices que compõem o nosso cotidiano.

O homem brasileiro comum habituou-se a pensar a partir de imagens criadas por seus intelectuais. Uma contradição se se considerar uma sociedade de maioria analfabeta. Maior contradição ainda é ser a Literatura a responsável pela divulgação dessas imagens.

Após a Independência política (1822), coube ao intelectual do período romântico a difícil tarefa de explicar, identificar o país a um rosto cosmopolita e homogêneo, com tradição e história. Como fazer? A nostalgia do passado e a saudade da pátria, necessidades românticas, foram preenchidas pelas impressões de leitura narrativas de viagem –textos de cronistas e relatos dos historiadores– associados as interpretações da tradição oral, lendas, anedotário, contos populares, etc.

Do primeiro documento escrito sobre a terra brasileira vêm, para enriquecer esta tarefa, as imagens clássicas da terra, «onde tudo o que se planta dá», «de bons ares» e homens gentis, num cenário paradisíaco, descritas pelo escrivão Pero Vaz de Caminha, ao rei de Portugal, como bom intérprete, Caminha não deixou de estar atento à ideologia mercantilista de exploração e domínio, de um lado, e de outro, aos mitos do eldorado, do paraíso perdido.

Retiram os escritores românticos desse primeiro quadro, registrado pelos cronistas, o caráter aventureiro, predatório e mercantil das ações dos colonizadores e as suas conseqüências. Com base nesse recorte de dados documentais, o intelectual, da primeira metade do século XIX, principia sua pintura da

gênese da nação brasileira, privilegiando a paisagem, a natureza para suprir as limitações dos heróis dessa história, ainda rijos, inteiriços, sem poços psicológicos porque nascidos num conjunto social precário obscuro e dúbio. Este caráter dúbio dos valores na sociedade, pela imprecisão do perfil das instituições, é francamente evitado pelo escritor romântico, que prefere a certeza, o absoluto, o afirmativo nos traços nos quais delinea a cultura do seu país.

A grande metáfora para esse processo de aproximação e interpretação da história da cultura é o personagem «Vaz Caminha» do romance *As Minas de Prata* (1865), de autoria de José de Alencar. Intelectual, homem de talento, espírito vivendo no futuro, absorvido na gestação de um pensamento maior: concluir sua grande obra. Mentor do herói no romance, «Vaz Caminha» articula com o narrador o conteúdo dos documentos e manuscritos aos testemunhos e as lendas, no poderoso jogo de forças de herói e vilão conhece as armas e fornece os elementos da vitória ao herói, seu filho intelectual. «Vaz Caminha» age, põe, dispõe, cria ardis, persuade, pressiona em nome dos ideais de uma história com nobreza de princípios, de honradez, da linhagem e da tradição que acredita e defende.

Como o personagem, o narrador romântico concilia todos os valores criando com a linguagem um mundo novo, aos olhos do leitor, a partir de certezas inabaláveis, personagens sem contradições, recortes no tempo rigidamente delimitados cujo resultado será a imagem inequívoca de um país de vastas terras, com uma natureza exuberante, utopicamente ligada ao homem –gentil, afável, alegre–, cultivando relações em que o conflito para a sobrevivência atenua-se pelo gesto cordial, capaz de extremos de dadia e violência.

Esse país, criado pelos românticos embala o imaginário do brasileiro que acredita nessas convenções para a explicação das origens do nacionalismo, são imagens que suprem a carência de ideais e valores estabilizados e coerentes. É com este universo de interpretação romântica que dialoga o estudioso «Policarpo Quaresma», em seu percurso pela nossa cultura.

No início desse século, muitos autores e literatos debruçaram-se sobre o país no desejo de elaborar um projeto, intelectual e estético, para a interpretação da realidade brasileira, e seus dilemas com um ponto em comum: a Literatura. Preocupavam-se, portanto, em responder a questões tais como –o que é literatura? qual o papel da arte e do artista na perspectiva cultural de país periférico? Nesse contexto, o olhar do intelectual não pode manter-se fixo e determinado por um passado estático; no lugar das certezas elegera a dúvida para ver com *olhos novos*, livres do estigma romântico interpretação do homem, da terra, da cultura.

Escritores como Euclides da Cunha, Lima Barreto, Augusto dos Anjos, Monteiro Lobato, Pedro Kilkerry, tão diversos em seus estilos e dispersos em seus

locais de produção, atuam crítica e criativamente, revelando a sensação de modernidade, quase fantasmagórica porque bizarra, num país como o Brasil: «A passagem dos séculos me assombra. / Para onde irá correndo a minha sombra / Nesse cavalo de eletricidade? / Caminho, e a mim pergunto, na vertigem: / Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem? / E parece-me um sonho a realidade», como diria Augusto dos Anjos em *Poema Negro*.

Ao recusar a imobilidade, a fixidez, as certezas, o olhar desses intelectuais permite a discussão sobre a Literatura e a crise da linguagem, a realização da expressão na fugacidade da vida moderna, a multiplicidade do real e a fragmentação interior do próprio homem.

A grande metáfora, agora, pode ser o percurso de «Policarpo», personagem também intelectual que pretende ler o seu país pelo manuais didáticos, teóricos e filosóficos que o prendem a dogmas e teorias, distantes do dinamismo social. Quaresma ganha profunda dimensão quando revê seus ideais e reflete sobre a nulidade dos seus esforços marcados por visões românticas, entre outras, e alheias ao complexo movimento da realidade.

Na ficção de Lima Barreto erguem-se, ao lado de «Policarpo Quaresma», o «escrivão Isaiás Caminha», o «historiador-artista Gonzaga de Sá», grandes personagens, intelectuais inclusive, vivendo o dilema de lidar com a palavra, em diálogo com a tradição oral e escrita, para transformá-la em meio de revelação de fetiches deterministas, positivistas e ou românticos que oprimem os movimentos criativos da cultura.

Possibilita-se no romance a discussão sobre o equilíbrio necessário entre tema e escrita –especialmente em *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha*, onde se usa o próprio texto para fazer referências aos conflitos de sua elaboração. As tensões, do «escrivão Isaiás Caminha», já revelam que um texto literário não se esgota ao apresentar um ou outro aspecto do real e do homem, também constitui um mundo, vivo e instigante, à medida em que é discurso literário.

O perfil de Lima Barreto também enquanto *intelectual*, com diversificada produção na imprensa de seu tempo, atuante como crítico de obras de escritores, iniciantes ou não, (graças a seu recurso de elaboração e publicação das críticas aos textos literários que recebia, podemos tomar conhecimento de muitos autores cujo legado se perdeu, entre eles os anarquistas), é o *objetivo desse volume*, que se evidencia desde a cronologia de vida e obra até o percurso da bibliografia, a seguir os passos sugeridos pelo próprio escritor, isto é, «no curso da vida e das leituras».

Por coerência a esse projeto, os ensaios dedicam e fazem referências teóricas aos outros dois romances –*Recordações do Escrivão Isaiás Caminha e Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, cujos protagonistas projetam o escritor, através da ficção, no debate típico do início deste nosso século– os conflitos do pensador brasilei-

ro como intérprete de uma cultura latina, mestiça, tropical em intersecção com a tradição europeia. Em outras palavras, realizam o percurso de «Vaz Caminha», *às avessas*, desmistificando o nosso olhar para os valores culturais e, ao mesmo tempo, a exercer a função reveladora e utópica (a missão quase divina, defendida por Lima Barreto) da Literatura.